

BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS: REFLEXÕES A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DE CORIOLANO BENÍCIO

BIOGRAPHIES AND AUTOBIOGRAFIAS: REFLECTIONS FROM PERSONNEL ARCHIVES CORIOLANO BENÍCIO

João Paulo Borges da Silveira¹

RESUMO:

O presente trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e versa sobre as relações entre os arquivos pessoais e o conceito de memória social. Tem-se como pano de fundo o arquivo pessoal (auto) biográfico de Coriolano Benício (1911-1984), cidadão rio-grandino que participou das cenas artístico e cultural de sua cidade, tendo atuado como jornalista, teatrólogo, carnavalesco e poeta. O arquivo compreende o período de 1913 a 1982, sendo os documentos manuscritos o *corpus* documental desta reflexão, já que são de cunho autobiográfico, possibilitando estudos biográficos e reflexões sobre memória individual, social e identidade a partir de seu arquivo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Social; Biografia; Autobiografia; Arquivos Pessoais.

ABSTRACT:

This work is part of research conducted at the Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage of the Federal University of Pelotas and deals with the relationship between personal files and the concept of social memory. It has been the background of the personal file (auto) biographical of Coriolano Benício (1911-1984), Rio-grandino citizen who participated in the artistic and cultural scenes of his city, having worked as a journalist, playwright, poet and carnivalesque. The archive covers the period 1913-1982, and the handwritten documents are documentary corpus of this reflection, as are autobiographical nature, allowing biographical studies and reflections on individual memory, social and identity from your file.

KEYWORDS: Social Memory; Biography; Autobiography; Personal Archives.

01 – INTRODUÇÃO

Os arquivos de um modo geral são evidências das transações da vida humana, como afirma Cook (1998). Em se tratando de arquivos pessoais essas marcas ficam mais latentes, considerando o emaranhado de memórias neles traçadas, as quais apontam os modos de vidas não apenas de seus criadores, mas sim de uma sociedade e uma época.

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, especialista em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria e em Educação e Sociedade pelo Centro Universitário Barão de Mauá e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade de Caxias do Sul e bibliotecário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7332086882653591>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 61-75
--	---	------------------------------

Podemos então afirmar, que todo acervo de cunho pessoal traz as evidências do *eu* criador, responsável pela constituição e guarda de seus próprios documentos, elaborados por si e/ou armazenados de acordo com a sua trajetória de vida, sendo de certo modo reflexos de seus pensar e fazer socialmente.

Essa documentação tem o propósito de salvaguardar partes da uma trajetória, afinal nenhum acervo compreende o todo de uma história de vida, os arquivos pessoais retratam na verdade as marcas de seu criador. Assim sendo, a documentação reunida caracteriza-se sempre como biográfica, entrelaçando a trajetória de seu responsável, enquanto indivíduo e cidadão.

Entretanto, alguns arquivos pessoais vão além no que diz respeito aos documentos acumulados, preservando as memórias escritas por seu próprio criador, portanto, memórias autobiográficas, que podem se fazer constar de diferentes maneiras, por cartas, anotações, bilhetes ou mesmo, um texto com propósito autobiográfico.

Dessa forma, o presente trabalho se origina a partir de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no qual teve como objetivo refletir e analisar as relações estabelecidas entre arquivos pessoais e a escrita do *eu* autobiográfico e as possibilidades de escrita biográfica a partir do arquivo pessoal de Coriolano Benício.

Esteia-se este texto de um recorte temático a partir da referida pesquisa para as reflexões de arquivos pessoais como fontes para estudos do gênero biográfico e autobiográfico, tendo como plano de fundo o acervo citado e suas relações com a memória social.

02 – CORIOLANO BENÍCIO E SEU ACERVO PESSOAL

O rio-grandino Coriolano Mário de Araújo Benício (1911-1984) atuou por sete décadas no âmbito artístico e cultural em todo Estado do Rio Grande do Sul (RS). Iniciou a sua trajetória profissionalmente em 1929 e se estendeu até os anos 80, quando de seu falecimento.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

O primeiro ramo cultural de atuou foi na imprensa local, tendo sido tipográfico já aos 16 anos, contudo, foi como jornalista aos 18 que ganha destaque social, fundando, dirigindo e escrevendo o seu primeiro jornal intitulado “O Tagarella”. Coriolano Benício também atuou em diversas redações da imprensa local e estadual, enquanto redator, repórter e diretor.

No campo das artes, o carnaval foi a primeira paixão a surgir em sua vida em questões profissionais, especificamente no ano de 1930, quando funda o *Clube Carnavalesco e Corpo Cênico Irresistíveis*, permanecendo ativo até a década de 1980. Os *Irresistíveis*, como era chamado o clube e corpo cênico atuava em duas frentes, na promoção de bailes em salões e no carnaval de ruas, com blocos e em desfiles alegóricos, inclusive disputando títulos na festa do Momo.

Coriolano Benício também foi teatrólogo, como se autodenominava, uma vez que, participava de todos os processos das peças teatrais, portanto, um estudioso e especialista em teatro, se fazendo presente desde o figurino e cenário até atuação e direção. Enquanto autor teatral escreveu textos para diversas companhias, tendo percorrido todo o Estado como ator e diretor. Foi um dos fundadores da *Companhia de Teatro Amador Beira-Mar*, que permaneceu ativa por mais de meio século na cidade do Rio Grande/RS, tendo inclusive, um teatro próprio.

A sua vertente letrada foi marcada por ter sido um dos fundadores da *Academia Rio-grandina de Letras (ARL)* e da também *Casa do Poeta Rio-grandino*, duas instituições ligados ao fazer literário. Além disso, foi escritor de contos, poesias, peças teatrais e de dois livros, um do gênero literário e um biográfico. Com essa segunda obra publicada, tem-se a dimensão tida por Coriolano Benício da escritas das trajetórias de vidas, tendo inclusive escrito a sua história ou pelo menos partes dela, conforme documentação de seu acervo.

As Figuras 1 e 2 apresentam Coriolano Benício em duas fases de sua vida:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Figura 1: Coriolano Benício jovem.

Fonte: Jornal Agora, Rio Grande/RS, [s. d.].

Figura 2: Coriolano Benício ao centro.

Fonte: Museu de Comunicação Rodolfo Martensen, [s. d.].

Parte do arquivo pessoal de Coriolano Benício foi doado ao Centro de Documentação Histórica (CDH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) na década de 1980. Há outros fragmentos documentais do acervo pessoal de Coriolano Benício com outras pessoas/instituições, como em outro órgão da FURG e em mãos de pessoas amigas de Benício. As discussões apresentadas nesse texto partem do arquivo sob guarda do CDH, considerando a documentação de manuscritos elaborados por Coriolano Benício sobre a sua própria trajetória de vida pessoal e profissional.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 61-75
--	---	------------------------------

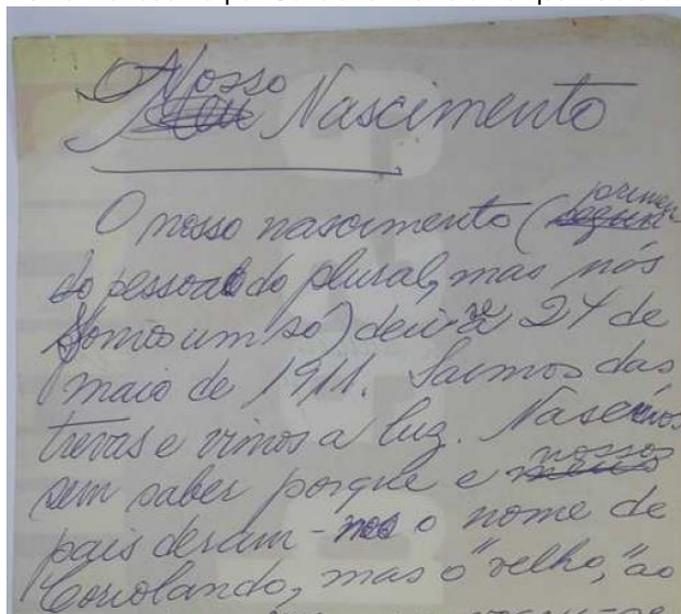
O arquivo compreende documentos manuscritos de cunho pessoal, documentação jurídica e contábil das instituições no qual participou, fotografias, cartas, cartões, cartazes e folders com anúncios de peças teatrais e filmes em exibição nos teatros e cinemas da cidade do Rio Grande, recortes de jornais, revistas de entretenimento da região e nacionais, além de desenhos referentes ao carnaval rio-grandino.

A documentação presente no CDH é composta por cerca de 5.400 itens arquivados em 30 pastas e cerca de 1.000 exemplares de revistas dispostas em 27 caixas de arquivo, compreendendo o período de 1913 a 1982. Os documentos manuscritos perfazem um total de cerca de 360, que são desde folhas soltas a cadernos pequenos completos com anotações. Nos documentos manuscritos, Coriolano Benício deixou relatados os fatos marcantes de sua vida desde seu nascimento, segundo o mesmo.

Não há datação dos momentos das escritas dos documentos, porém, em alguns deles há menções a temporalidades, mas não se pode afirmar com certeza o período exato, se deduz a partir da pesquisa realizada que foram escritos em épocas diversas e não apenas em um único momento de sua vida.

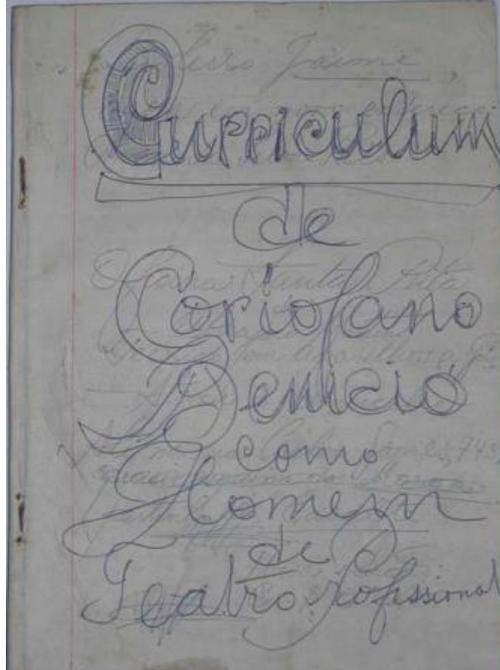
As Figuras 3 e 4 ilustram dois documentos manuscritos por Coriolano Benício no qual registra fatos sobre a sua vida pessoal e profissional:

Figura 2: Documento manuscrito por Coriolano Benício no qual relata o seu nascimento.



Fonte: Arquivo pessoal de Coriolano Benício (CDH/FURG).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 61-75
--	---	------------------------------

Figura 3: Currículo pessoal, por Coriolano Benício. [s. d.].

Fonte: Arquivo pessoal de Coriolano Benício (CDH/FURG).

O presente trabalho então é fruto de leituras e reflexões sobre o gênero biográfico e autobiográfico que tenho realizado já há algum tempo, tendo como pano de fundo o arquivo pessoal de Coriolano Benício e os conceitos de memória individual e memória social por meio dos acervos de cunho pessoal. Não se pretende aqui esgotar todas as análises das amplas possibilidades de estudos do tema, mas sim trazer as minhas reflexões sobre a temática em questão e que tenho realizado a partir do referido arquivo e instigar o leitor a repensar nas formas e maneiras de se ler, narrar e contar *histórias* de vida.

03 – BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS: AS EVIDÊNCIAS DO EU

A biografia vem ganhando força na historiografia mundial e brasileira nas últimas décadas, ampliando-se o campo de debate sobre a escrita da própria História quando se refere ao gênero biográfico. As biografias podem ser produzidas por vertentes historiográficas, jornalísticas ou literárias, conforme o biógrafo e o público que se deseja atingir, mas com lacunas no seu modo de escrita. Pois bem como afirma Pimenta (2009), tais vertentes e seus procedimentos metodológicos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75 periodicoscesg@gmail.com
--	-----------------------------	--

não são passíveis de combinações entre si nesse tipo de trabalho, no qual cada área apresenta meios específicos de escrita.

Ainda sobre as diferenças da escrita de biografias por jornalistas e historiadores, Schmidt (1997) refere-se que ambos tiveram influências da literatura. Contudo, a História trabalha com a crítica as fontes e nela deve-se basear para a sua escrita. A História não está livre do uso da ficção por parte do historiador, mas caso o faça, deve salientar ao leitor tal utilização. Já as biografias elaboradas por jornalistas, apresentam liberdade no cunho ficcional, o que não necessariamente caracterizam pura invenção do autor, além de muitas vezes apresentarem melhor fluidez na escrita e leitura, já que em alguns casos a escrita de historiadores é considerada muito acadêmica e por vezes a escrita jornalística acaba chamando mais a atenção do leitor do que o estilo historiográfico.

O gênero biográfico tido como até então por uma *história historicizante*, do culto aos grandes heróis da História, com questões ligadas a política e a economia, ganha novos rumos e possibilidades com a Nova História Cultural. A busca pelo homem comum proposta pela análise da Micro História permitiu novos olhares a outros indivíduos, ao estudo de trajetórias de pessoas tidas como comuns, como o moleiro *Mennochio*, de Carlo Ginzburg, permitindo trabalhar com uma determinada época histórica a partir do estudo de um indivíduo ou um grupo de indivíduos, entendendo esse(s) personagem(ns) inserido(s) nesse contexto, já que uma vida pode contar outras tantas (DEL PRIORE, 2009).

Em contraposição ao uso das biografias para glorificar personalidades com destaque sociais, Schmidt (1997, p. 4) afirma que as biografias também podem mostrar tais indivíduos como cidadãos comuns, “a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores”. Este último caso, muito utilizado no meio jornalístico, no qual se utiliza de expressões fortes e da invasão na intimidade do indivíduo pesquisado para que a obra alcance maior popularidade e expressão comercial.

Souza (2007) resume pelo viés das Ciências Sociais três pontos importantes para se pensar em estudos do gênero biográfico, que são: *trajetória* por tempo cronológico, não há como refazer os passos e vivências de um indivíduo, a autora aponta Bourdieu pela questão da “ilusão biográfica”; *configuração* que aborda

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75 periodicoscesg@gmail.com
--	-----------------------------	--

formas simbólicas e culturais dos cenários e redes sociais no qual o indivíduo está inserido; e, as *experiências* dos indivíduos, que são complexas para poder-se desvenda-las por completo, há também de se pensar nas experiências de vida do biógrafo e quanto isso pode influenciar na escrita.

Para Twain (apud SCHMIDT, 2004, p. 134) “as biografias são apenas as roupas e os botões da pessoa. A vida da própria pessoa não pode ser escrita”, ou seja, a escrita torna-se uma fragmentação do personagem, que será marcado pelas superficialidades dos fatos de sua vida. Tendo em vista que o que é sempre descrito, são momentos da vida do indivíduo sobre um ou mais pontos de vistas determinados.

Borges (2009, p. 166 *apud* AVELAR, 2010) aponta um dos grandes desafios da escrita de biografias, que é a subjetividade do biógrafo em relação à tarefa que tem pela frente. Pois segundo o autor, ao “falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades”. Mas a subjetividade do pesquisador, com o objeto a ser trabalhado, não é exclusividade do biógrafo, o historiador ao lidar com suas fontes precisa se cercar de certas atenções consigo mesmo, para a realização do seu ofício, para que sua escrita não seja tendenciosa, tornando uma busca constante e continua pela imparcialidade.

A relação do indivíduo e seu contexto são abordados por Schmidt (2004, p. 139), no qual o biografado “a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros”. Como mencionado pelo autor, o então *futuro* do biografado já é *passado* para nós (enquanto biógrafos), cabe ao pesquisador, com os procedimentos metodológicos que for utilizar, compreender os caminhos que levaram o biografado a tal fato e não outro, cuidando para não recorrer em críticas ou elogios, já que não deve(ria) ser este o papel da biografia e nem da invenção, quando não se tem as respostas para todas as suas perguntas.

Como afirma Levi (1998), o contexto pode auxiliar na compreensão de alguns fatos presentes nas lacunas documentais, mas não preenchem tais lacunas, não deve ser encarado para mascarar as perguntas sem respostas. O contexto torna

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

o personagem um fio-condutor para a compreensão das suas relações com a sociedade (SCHMIDT, 2000).

Ainda em relação ao contexto no qual o indivíduo está inserido, Pimenta (2009, p. 10) nos diz que “os personagens podem nos ajudar a explicar o contexto, mas não serão capazes de esgotá-lo, bem como, num sentido diametralmente oposto, o contexto não será capaz de explicar as ações desses personagens”. O contexto é um importante aliado para a compreensão da trajetória do indivíduo, pois nos permitirá saber algumas de suas decisões pessoais, como por exemplo, porque optou em atuar em tal área em detrimento a tantas outras profissões. Mas deve-se levar em consideração que a trajetória do biografado não esclarece a realidade da sociedade como um todo e sim é uma fragmentação desta sociedade no qual está inserido.

Sobre a linearidade na escrita de vida dos biografados, a biografia passaria como afirma Pimenta (2009, p. 6), “a assumir um tom de história fechada, estável e organizada em razão de seu final, para o qual se tem a impressão de o indivíduo estar predestinado”, ou seja, há de se compreender os contornos na trajetória do indivíduo e seus entrecruzamentos com outras trajetórias, além as incertezas perante a vida. O biografado não realizou seus atos sabendo as consequências, os realizou, pois precisou fazer escolhas durante sua vida. Sendo assim. “os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma identidade” (AVELAR, 2010, p. 162), o indivíduo não nasce predestinado em relação a todos os fatos de sua vida.

Na escrita do texto biográfico, o pesquisador se vê de frente com seus objetivos, seu objeto e suas fontes como afirma Avelar (2010, p. 161) “o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas”. Diante de tal fato, é que a biografia não se coloca como uma verdade única sobre a trajetória do indivíduo estudado, se destacando por “acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados” (DEL PRIORE, 2009, p. 11), interpretação do pesquisador a partir dos elementos que reunir para constituir a trajetória do seu biografado.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A relação entre pesquisador e objeto estudado muitas vezes vai além da simples realização do seu trabalho acadêmico, não se pode negar a curiosidade do biógrafo sobre o indivíduo estudado, pois toda pesquisa parte de uma motivação para sua realização e necessita ser do interesse do pesquisador, para se que torne agradável e produtiva. Sobre a relação do pesquisador/pesquisa, Bellotto (1998, p. 2002) afirma que os biógrafos “deparam-se eles com o esperado, mas também, quase que na mesma proporção, com o inesperado; inúmeras vezes acabam até por encontrar-se a si mesmos, tanto quanto encontram, provavelmente, toda a humanidade”, tendo em vista que conforme a pesquisa, o pesquisador pode e talvez deva se identificar com o personagem estudado e/ou seu contexto.

A narrativa autobiográfica, segundo Alberti (1991), chama a atenção para o fato escrito estar envolvido no que “é” e no que “poderia ser”. Questionamentos sobre o que deixar registrado, como se identificar perante a sociedade e principalmente a si mesmo. A indagação de “quem sou/fui” e de “quem gostaria de ser/ter sido” estão presentes nos textos de cunho autobiográficos, como os encontrados no arquivo pessoal de Coriolano Benício. Não se quer dizer, que tais textos tenham algum tipo de cunho ficcional, não é está à intenção nem do autor, nem deste texto, mas sim apontar para o embate identitário do indivíduo e a escrita de si.

Sendo a autobiografia a consciência de uma narrativa sobre a sua própria existência, o acervo de manuscritos de Coriolano Benício se coloca com traços autobiográficos, já que “foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro” (QUEIROZ, 1988 *apud* PEREIRA, 2000, p. 118). Pois como afirma Benjamin (1975, p. 69), “a narrativa revelará sempre a marca do narrador”.

Calligaris (1998) aponta dois pontos importantes sobre a questão da “verdade” na escrita autobiográfica. Primeiramente o autor faz relação sobre o sentido da linguagem produzida por cada indivíduo, ou ainda, a interpretação que cada pessoa realiza a respeito do leu ou ouviu, como a interpretação das fontes que o biógrafo analisa e a sua “conotação subjetiva”. O segundo ponto trabalhado por Calligaris (1998), diz respeito “as verdades” na escrita biográfica, no qual espera-se que eu autor tenha sido sincero ao se registrar, atitude socialmente esperada,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura	Número XIII Jan-jun 2016 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 61-75
--	---	------------------------------

sendo que “ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo” (p. 49), ato de constituição da própria identidade, nem que seja a identidade que se queira perpetuar como a verdadeira. Contudo vale ressaltar as questões sobre a veracidade das biografias em sua totalidade, já trabalhadas neste texto, em relação à subjetividade do personagem e do pesquisador nesse tipo de trabalho.

04 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

A biografia não deve ser entendida como algo linear, narrando à trajetória de um indivíduo com seu nascimento, crescimento, vida adulta e falecimento, como fatos simplesmente sequenciais. Pensando-se em elaborar estudos deste modo, corre-se o risco de cair em um abismo do engano, já que a trajetória de um indivíduo não é linear, retilínea. As nossas trajetórias são entrelaçadas por inúmeras outras trajetórias, formando redes de relacionamentos. Somos parte de cada indivíduo com quem nos relacionamos, portanto é *ilusão biográfica*, como aponta Bourdieu, pensar em conseguir desvendar e narrar a história de uma pessoa, pois seria necessário estudar seus entrelaçamentos, seus percursos, suas influências.

Não se deve querer representar apenas um *eu* nas biografias, o indivíduo é um ser múltiplo de eus, a intenção nesse tipo de trabalho não é representar a história de uma vida linear e estanque, como se fosse a verdade absoluta. Pensar dessa forma é não querer enxergar possibilidades de pesquisas, questionamentos, extensões e relações que podem ser realizadas a partir do estudo de um determinado indivíduo, é desperdiçar trabalhos que podem ser realizados.

Muito se utiliza o termo “biografia” como sendo um trabalho “menor” no meio acadêmico, como se todos os biógrafos quisessem registrar seus biografados como fotografias emolduradas nas paredes. Claro, deve haver pesquisadores que pensam desta maneira, mas não são a maioria. Há de se pensar que a nossa própria vida pode sofrer inúmeras mudanças ao longo de um dia, inimaginável o quanto seus caminhos se modificam ao todo de uma vida, se não temos todas as certezas sobre nós mesmos, imagina querermos compreender todos os caminhos trilhados por nossos indivíduos pesquisados, o pesquisador não pode ler pensamentos, ainda mais quando o biografado já for falecido.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Como o caso de Coriolano Benício, utilizando seus manuscritos guardados e preservados em seu arquivo pessoal, há de se entender que o próprio deixou registrados os fatos de sua vida, fatos estes que ele escolheu. O pesquisador não deve ao entrar em contato com o seu acervo, crer que fatos por ele descritos, foram os únicos de sua vida. Entretanto, ao pensar-se em escrever uma biografia a partir somente de seu acervo, essas são as fontes que se têm, os *eus* de Benício são os que ele quis deixar registrado e deve ser com esses *eus* que o pesquisador deve principalmente respeitar e compreender tais fontes e trabalhar em sua pesquisa, ou deveria o pesquisador inventar outros *eus* para Benício?

Lógico que não, o pesquisador deve trabalhar e vai escrever seu texto com as fontes que se tem, não é dessa maneira que temos a História? A partir de vestígios... aí que entra o papel do pesquisador, percorrer as fontes, os vestígios, os fragmentos do que se tem para elaborar sua escrita, considerando-se que é a sua versão sobre o fato/indivíduo, pois o fato/indivíduo não retorna mais (se for biografia de um indivíduo já falecido) para que possa nos elucidar possíveis dúvidas no decorrer da pesquisa, trabalha-se em cima de tais vestígios e tais fontes para a escrita de tal versão, nunca única.

Pois como afirma Le Goff (2002, p. 21), uma biografia “não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem”, e sim, uma versão de recortes de uma realidade escrita sobre um ou mais olhares.

Segundo Pereira (2000, p. 126), “os arquivos pessoais, por exemplo, são elementos muito úteis para a construção de uma biografia, mas são apenas documentos como outros quaisquer, devendo, portanto, ser contextualizados e validados”. Cabe ao pesquisador dar “voz aos documentos”, sendo fiel a análise crítica ao seu conteúdo e se baseando nos seus procedimentos metodológicos para não perder ou desviar seu foco, possibilitando os leitores de sua visão sobre determinado personagem e contexto social em que o mesmo esteve inserido.

Este trabalho visou percorrer a produção científica em torno dos estudos do gênero biográfico e das autobiografias, compreendendo os conceitos, métodos e o conhecimento acadêmico a respeito de tais estudos. Acredita-se que há muito ainda a ser pesquisado sobre o gênero na área de História, Jornalismo e Literatura, o diálogo com outras áreas do conhecimento como as Ciências Sociais, também se

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75 periodicoscesg@gmail.com
--	-----------------------------	--

torna essencial para os biógrafos. Entendendo que cada área possui a sua motivação e tipo de escrita, cabendo ao pesquisador estudar e respeitar as pesquisas de outras áreas que não a sua de formação.

Para finalizar, o gênero biográfico precisa ser encarado com mais responsabilidade e ter maior abertura na corrente historiográfica nacional, para que possa ser mais bem debatido questões sobre os procedimentos metodológicos a serem adotados por seus pesquisadores e que o gênero seja melhor explorado nos estudos biográficos. Há sem dúvida, muito a ser pesquisador na área, cabendo aos pesquisadores interessados colocarem “as mãos na massa” e partirem para os estudos sobre o gênero e suas pesquisas.

Tem-se a partir dessa discussão que individuo organiza e armazena as memórias de sua forma, em relação a isto, são individuais, contudo, toda memória é advinda de uma experiência coletiva. Para Halbwachs (2006, p. 69) “[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base em conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

Sendo assim “a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Há de se observar que as nossas memórias se transformam conforme os grupos sociais no qual estamos inseridos, precisamos deles para construir, armazenar e preservar nossas lembranças, como diz o autor, “mesmo as mais pessoais”.

Entende-se então, que o arquivo pessoal de Coriolano Benício se caracteriza pelas marcas de suas lembranças a respeito de sua vida, que marcaram o autor e o qual ele quis deixar registrado. O acervo ainda pode ser entendido como testemunho de um passado cultural e artístico rio-grandino, servindo também para evocar lembranças.

Para encerrar, fica para reflexão a citação de Halbwachs (2006, p. 69): “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

05 – REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991.
- AVELAR, Alexandre de Sá. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões*. Dimensões. Vitória/ES, v. 24, 2010.
- BELLOTO, Heloisa Liberatti. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 201-207, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: SÉRIE OS PENSADORES. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-82.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, N. 21, p.44-58, 1998.
- COOK, Terry. Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais: para um Entendimento Arquivístico Comum da Formação da Memória em um Mundo Pós-Moderno. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998.
- DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo conta a sua história. *Topoi: revista de História*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 2009.
- HALWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *São Luiz*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, São Paulo, n. 3, p. 117-127, 2000.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XIII Jan-jun 2016 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 61-75
--	---	------------------------------

PIMENTA, Everton Fernando. O ressurgimento do gênero biográfico na História: definições e questionamentos. Mariana/MG, 2009. Encontro Memorial: nossas Letras na História da Educação, 2. *Anais Eletrônicos...* Mariana/MG, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al (Orgs.). *Questões de Teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

_____. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 4-21, 1997.

_____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *Revista História Unisinos*. São Leopoldo, v. 10, n. 8, jul./dez. p. 131-142, 2004.

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universitária Rural: Série Ciências Humanas*. Seropédica/RJ, v. 29, n. 1, jan./jun., 2007. p. 27-36.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIII Jan-jun 2016	Trabalho 04 Páginas 61-75
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	